

**FACULDADE ALFREDO NASSER
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**A INFLUÊNCIA DA REVOLUÇÃO CUBANA NO CONTEXTO
AMERICANO**

Thiago Caetano Alves

**APARECIDA DE GOIÂNIA
2010**

Thiago Caetano Alves

**A INFLUÊNCIA DA REVOLUÇÃO CUBANA NO CONTEXTO
AMERICANO**

Artigo científico apresentado ao Instituto Superior de Educação da Faculdade Alfredo Nasser, sob orientação da Prof^a. Ms. Giselle Garcia Oliveira, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Licenciatura em História.

**APARECIDA DE GOIÂNIA
2010**

FOLHA DE AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO DO TRABALHO

A Influência da Revolução Cubana no Contexto Americano

Aparecida de Goiânia 14 de dezembro de 2010

EXAMINADORES

Orientadora – prof.(a) Me. Giselle Garcia de oliveira – Nota: _____

Primeiro examinador_ prof. (a) _____ Nota: _____

Segundo examinador_ prof. (a) _____ Nota: _____

Média _ apresentação da produção do trabalho _____

A Influência da Revolução Cubana no Contexto Americano

Thiago Caetano Alves¹

Resumo: Este trabalho tem como objeto de pesquisa o estudo da Revolução Cubana no contexto americano do século XX. Pretende-se analisar o tema considerando elementos como a Guerra Fria; a luta contra o imperialismo, e a revolução como um evento de referência para os movimentos sociais de esquerda e estopim para que surgissem ditaduras militares na América Latina dos anos 60. Objetiva-se compreender a história de Cuba e seu empreendimento revolucionário por meio de questionamentos ao tema e uso do método histórico, da pesquisa documental e bibliografia dos teóricos que discutiram a Revolução Cubana.

Palavras-chaves: Revolução Cubana, Imperialismo, Guerrilha, Ditaduras Militares.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de pesquisa o estudo da Revolução Cubana, no contexto americano do século XX. Pretende-se analisar o tema considerando elementos como a Guerra Fria; a luta contra o imperialismo; a revolução como um evento de referência para os movimentos sociais de esquerda; e, estopim para que surgissem ditaduras militares na América Latina dos anos 60.

Realizar a análise proposta requer questionamentos que permitam conhecer e compreender a história de Cuba e seu empreendimento revolucionário. Dessa forma, pergunta-se: Qual a origem de Cuba? Por que chegou à revolução? Em qual contexto geral e particular ocorreu a revolução? Qual o ideário assumido pelos revolucionários? Qual o alcance da revolução no continente? Diante de tais indagações, tem-se que a proposta a ser discutida passa pela questão da compreensão de um acontecimento que, por sua natureza e idealismo, influenciou outros acontecimentos na América.

Teórico–metodologicamente o presente trabalho lança mão do método histórico, da pesquisa documental e bibliográfica. Autores como Bruit (1988),

¹ Acadêmico e formando do curso de Licenciatura em História da Faculdade Alfredo Nasser.

Guazzelli (1993), Prado (1996), Oliveira (2006), Purdy (2008), Fernandes e Morais (2008) serviram de aporte para a compreensão do conceito de “revolução”, dos processos revolucionários na América Latina e Cuba. Além desses autores, o trabalho conta com a Carta de Che Guevara (2004), sua obra Guerra de Guerrilha (1980). Conta-se também com a obra de José Martí (1983), intelectual cubano crítico do imperialismo estadunidense e colaborador do processo revolucionário independentista, dentre outros autores como: Santana (2010), Sader (2004), Santos (2010).

FORMAÇÃO HISTÓRICA DE CUBA

Em um contexto de colonização iniciado no século XV pelos europeus, pode-se dizer que a ilha de Cuba se formou a partir da chegada do colonizador em suas expedições de conquista. Entretanto, vale lembrar que antes desse acontecimento, a ilha já era habitada por povos nativos e, portanto, o confronto fez parte dessa formação histórica.

Sob a ótica da colonização, pode-se dizer que Cuba teve sua história marcada por três séculos de condição colonial. Porém, o colonizador espanhol enfrentou rebeliões que visavam à liberdade. Escravos e colonos se rebelaram contra a colonização. O século XIX cubano, foi marcado pelos movimentos de independência. O grito de Yara (1868 - 1878) constituiu dez anos de guerra que se findou com um acordo de paz entre revolucionários e a coroa. Contudo, parte dos insurretos manteve-se na posição revolucionária, escolhendo o exílio como local de amadurecimento da luta libertária. Segundo Oliveira (2006, p.23):

Marginalmente encontra-se nesse mosaico político os que defendiam o separatismo e que levaram a cabo a Guerra Chiquita (1879 – 1880), a qual, no entanto, fracassou, atestando a falta de coordenação entre o grupo. Havia a necessidade de um líder para o movimento de independência, papel que fora cumprido posteriormente por José Martí com o projeto revolucionário que ia além do âmbito militar, voltando-se para a revolução da estrutura civil.

Após o resultado negativo da referida guerra, Cuba viveu, segundo Fernandes e Morais (2007, p. 166), “(...) uma relativa prosperidade, “sustentada”

pelo mercado norte-americano do açúcar e, mantida pela Lei McKinley de Tarifas (1890), que permitia a entrada do produto em solo estadunidense sem pagamento de tarifas aduaneiras.” Com o fim desse benefício em 1894 por meio da Tarifa Wilson Gorman que voltou a cobrar os impostos, a depressão econômica tomou a ilha. Nesse contexto, ocorreu um novo levante revolucionário por independência, uma vez que os espanhóis eram considerados os grandes culpados dos problemas econômicos. O novo movimento se deu a partir da fundação do Partido revolucionário Cubano que empreendeu o Grito de Baire (1895). De acordo com Oliveira (2006, p. 24), esse acontecimento revolucionário nas Antilhas fracassou devido a uma estrutura social diversa, ou seja, por se encontrar em Cuba interesses anexionistas e, externamente, interesses imperialistas dos Estados Unidos.

Cuba consegue sua independência em 1898 com a guerra Hispano – americana com a participação dos Estados Unidos, por questões econômicas, políticas e ideológicas. Esse fato deu a Cuba à condição neocolonial. Cumpria-se a Doutrina Monroe² e o temor de Martí que se pronunciava sobre o vizinho do norte fazendo uma analogia com o aldeão que considera uma ordem universal que lhe dá o direito de governar o mundo como se fosse sua aldeia. (1983, p. 194).

Cuba após sua independência tivera a intervenção dos Estados Unidos durante um período dois anos. Deixando a ilha em 1902, impuseram à Constituição cubana a *Emenda Platt* que transformava o país em protetorado norte-americano, e autorizava a intervenção dos Estados Unidos na ilha sempre que achasse necessário. De acordo com algumas interpretações historiográficas, a partir da guerra Hispano-americana, os Estados Unidos assinalaram sua presença no

² Doutrina criada em 1823 pelo presidente dos Estados Unidos, James Monroe, que consistia em uma troca de não intervenção dos europeus na América e não interferência dos Estados Unidos na Europa. Com essa doutrina os Estados Unidos se colocavam como guardiões do continente americano. (FERNANDES E MORAES, 2008, p. 105)

² Após a Guerra Hispano-americana, 1898, Porto Rico sofreu o intervencionismo dos Estados Unidos e permanece ligado a esse país como estado anexado (FERNANDES E MORAES, 2008, p. 105)

cenário internacional. No que se refere à América, interveio em Cuba, em parte da Nicarágua, Republica Dominicana, Porto Rico³, México, Panamá dentre outros.

A ilha caribenha, parte das ultimas possessões espanholas na América, ao se tornar independente, continuou sob o domínio colonial. Cuba conviveu com intervencionismo do vizinho do norte contando com a conivência dos seus governos que aceitaram o servilismo aos Estados Unidos. Essa dependência também se deu no campo econômico, pois a monocultura do açúcar orientava-se, sobretudo, para o consumo estadunidense. A política intervencionista dos Estados Unidos contribuiu para a ascensão ao poder de homens como o ditador Fulgência Batista (1950 – 1959).

Fazer da ilha caribenha sua área estratégica, interferir em seu governo, contar com o servilismo de governantes cubanos, controlar cerca de 80%da produção açucareira e deter grande parte das terras cubanas, acarretaram para os Estados Unidos o surgimento, em Cuba, de um sentimento anti Estados Unidos. A nova ordem não encontrava correspondência com os interesses da nação e de seu povo questão que se tornou o alicerce do processo revolucionário do século XX.

Um país que servia de ilha dos prazeres para os turistas norteamericanos, contrastava com os índices de mortalidade infantil, com as epidemias e endemias, as precárias condições de moradias, o analfabetismo e tantos outros problemas estruturais. Foram essas as condições que marcaram a transição do século XIX para o século XX cubano. Esses problemas constituíram-se nas bandeiras da maior e mais famosa revolução em Cuba, a revolução socialista articulada pelo grupo 26 de Julho (grupo liderado por Fidel Castro que chegou a revolução em cuba em primeiro de Janeiro de 1959).

O SÉCULO XX E A REVOLUÇÃO CUBANA

Pelo que foi anteriormente abordado, o século XX cubano se caracterizou por um forte intervencionismo, direto ou indireto, dos Estados Unidos.

Governos cubanos servis aos interesses de Washington. Segundo Prado (1996, p. 45) “a jovem republica cubana (1902 – 1959) foi quase toda marcada pela sucessão de governos ditatoriais aliados a interesses norte-americanos, que muitas vezes alegando “desrespeito” à *Emenda Platt*, se utilizavam dos *marines*, invadido o país.”

Crises econômicas e políticas forjaram o ambiente revolucionário, sobretudo, com a mobilização de diversos setores da sociedade cubana, chamados progressistas que reuniam trabalhadores, estudantes e filiados ao partido de esquerda, especificamente, o Partido Comunista tendo esta ligação com a liderança mundial do comunismo no mundo URSS sendo que as maiorias da liderança tinham suas raízes nestes movimentos progressistas como, por exemplo, Fidel Castro entre outros .

Alguns acontecimentos ocorridos no decorrer do período de início do século XX até 1959, ocasião do ato revolucionário, devem ser mencionados no sentido de compreender esse cenário. Governou o país o general Gerardo Machado (1925 – 1933), ditador que além de golpear a economia cubana, defendia a intervenção norte-americana e, quando, reeleito, em 1928, ordenou o assassinato do líder comunista Julio Antonio de Mella.

Cuba se tornou um ambiente de desenvolvimento de várias atividades políticas tendo como núcleo de organização, o Partido Comunista, além de uma produção teórica que estimulava a conscientização política. Houve a ampliação das ofensivas ao governo, ao exercito e ao imperialismo yanque. Após o governo de Machado, assumiram a presidência Carlos Manuel Céspedes e Grau Sán Martin, inaugurando-se um período de mediação dos conflitos, chegando mesmo a ter participação popular no poder.

O quadro acima começou a se transformar a partir das reações do imperialismo apoiado pela burguesia nacional o que resultou na ditadura de Fulgêncio Batista que adotou uma política de repressão com auxílio das Forças Armadas norte-americana. Esse foi o ultimo governo que antecedeu a Revolução Cubana, período em que começou a se construir um grupo de oposição que em 26 de julho de 1953 organizou o assalto ao Quartel de Moncada. (principal forte do exercito Cubano no governo de batista onde Fidel protagonizou um ataque frustrado ao regime de fulgência Batista)

O assalto fracassou devido à antecipação de Fulgência Batista que prendeu os líderes, levando julgamento um de seus principais, Fidel Castro. O julgamento serviu para inspirar Castro a formular sua proposta pós-revolucionária caso a revolução fosse vitoriosa. De acordo Guazzelli (1993, p. 15), as propostas eram: “(...) restabelecimento pleno da Constituição de 1940; implantação da reforma agrária; participação dos trabalhadores nos lucros das empresas; participação nos direitos da cana-de-açúcar; confisco de bens auferidos com a dilapidação do patrimônio público.”

Em seu julgamento, Fidel fez um discurso mostrando aos juízes o quadro da sociedade cubana. Segundo Bruit (1988, p. 62), “(...) a situação de miséria da maioria da população, o desastre econômico em que a ditadura fizera mergulhar o país, a condição ignominiosa do camponês, a morte de milhares de crianças provocada pela fome e por doenças infecto – contagiosa.”

Uma vez condenado, Fidel seguiu para o exílio no México, local em que conheceu Ernesto Guevara, que aderiu ao grupo 26 julho nas investidas contra o governo ditador de Batista. Recebidos a balas os sobreviventes do grupo refugiaram-se em *Sierra Maestra* de onde passou a arquitetar a reação revolucionária, a qual foi conquistando gradativamente as províncias cubanas até chegar a Havana, 1959, tomando o poder.

Organizada sobre bases agrárias, se formou através de guerrilhas populares que resgataram todos os valores da tradição revolucionária cubana de liberdade e luta contra o imperialismo como é apreciado na citação:

A vitória armada do povo sobre a ditadura de Batista foi, além do triunfo épico noticiado pelos jornais do mundo inteiro, um modificador de velhos dogmas sobre a conduta das massas populares da América Latina, demonstrando palpavelmente a capacidade do povo para libertar-se de um governo que o oprime, através da luta guerrilheira. (GUEVARA, 1982, p. 13)

A guerrilha, segundo a citação, simbolizou a voz do povo que pegou em armas por acreditar que a luta armada seria a única alternativa de libertação dos grilhões imperialista. A Revolução se constitui naquilo que considerou Bruit (1989, p. 7) algo que “pela generalidade do fenômeno, nos remete à condição humana, ao próprio homem instável, imprevisível e não totalmente definido.” Nesse sentido,

têm-se as sociedades humanas como responsáveis por suas próprias vivências históricas, pois, ainda segundo Bruit “A revolução, uma vez que – supõe-se – quem a faz e quem a combate tem a segurança de compreender o momento que vive, permite aos indivíduos dominar seu presente – pois estão convencidos de que fazem a História (...)” (1989, p. 8 - 9)

A Revolução significou os anseios de um povo que acreditou na luta por liberdade ainda inspirado por antigos revolucionários como José Martí que dizia ser:

O dever urgente de nossa América é mostrar-se como é unida em alma e intenção, vencedora e veloz de um passado sufocante, manchada apenas com o sangue do adubo, arrancada das mãos, na luta com as ruínas, e o das veias que nossos donos furaram. O desprezo do formidável vizinho, que nos desconhecem é o maior perigo de nossa América; e é urgente, já que o dia esta próximo que o vizinho a conheça, que a conheça logo, para que não despreze. (1983, p. 200)

O intelectual cubano, que escrevia antes do movimento de independência, já chamava a atenção quanto ao perigo que vinham do norte. Martí resgata a idéia de unidade americana na expressão “nossa America” frente ao inimigo comum. Se Martí foi à inspiração vinda do passado, Che Guevara foi o teórico do presente revolucionário. Segundo Guazzelli (1993, p. 21), “Che” forneceu “(...) os instrumentos que, uma vez vitoriosos em Cuba, possibilitariam a transformação socialista da América.”

A Revolução cubana, após se constituir como poder, organizou governo provisório cujo presidente foi Osvaldo Dorticós Torrado que assumiu em 18 julho de 1959. Poucos o conheciam, apesar de seu gabinete ministerial. Pela natureza do seu trabalho foi, provavelmente, o menos conhecido ministro do Governo Revolucionário. Porém, o poder de fato ficou nas mãos do movimento 26 de julho sobre a liderança de Fidel Castro, que era o primeiro ministro. Fidel assumiu o poder total em Cuba apenas em dezembro de 1976, destituindo Torrado, acumulado os poderes e se tornando o governante supremo de Cuba.

Após a tomada de poder organizou-se todo aparato estatal para a consolidação da revolução Cubana. As principais medidas foram reforma agrárias e urbanas, o desenvolvimento da medicina preventiva contribuindo para o aumento da expectativa de vida na ilha e eliminação do analfabetismo em Cuba.

Se essas foram às medidas voltadas para dentro, outras direcionadas ao vizinho do norte consistiram no “(...) desmantelamento de ampla rede de hotéis, cassinos e casas de prostituição controlada por empresário norte americano aliados a Batista e seus oficiais.” [e ainda] “(...) nacionalização do truste telefônico.” (GUAZZELLI, 1993, p.17)

Em um contexto de Guerra Fria, ou seja, momento de bipolaridade política, econômica e ideológica que dividia o mundo em áreas de influências capitalista e socialista, a revolução cubana mudou o cenário americano. Tratava-se de um modelo socialista, que adotou características semelhantes ao modelo soviético em pleno “quintal” do líder capitalista, Estados Unidos. Uma verdadeira batalha foi travada entre Estados Unidos e Cuba. Esse país cada vez mais se afastou da área de influência capitalista.

O referido afastamento se deu pelas inúmeras investidas dos Estados Unidos no sentido de isolar Cuba, assim como, na Guerra Fria, se fez com qualquer país de orientação socialista. Idéias socialistas e comunistas deveriam ser barradas nas fronteiras do mundo socialista. Como exemplo das retaliações a Cuba pode se citar incêndios nos canaviais por parte da aviação norte-americana; sabotagens no porto de Havana; corte no fornecimento de petróleo; ruptura das relações diplomáticas.

Como parte das retaliações os Estados Unidos conseguem em 1962 afastar Cuba da OEA (Organização dos Estados Americanos), colocado a como inimiga no continente. Pode-se dizer que a forte pressão estadunidense provocou o rompimento de vários países latino americanos com a ilha. Contudo, isso não significou de fato total isolamento, sobretudo, econômico. Segundo Santana (2010, p. 3):

O paradigma da economia socialista em Cuba busca a sua inserção na economia mundial tendo como um de seus principais obstáculos a política do governo dos EUA, que mantém uma situação de fustigamento econômico e político. Mas esse fustigamento de Washington contra a economia cubana não é novo, começou a se definir com maior peso na medida em que o país caribenho se incorporou ao Conselho de Ajuda Mútua Econômico (Came) em 1972. Quer dizer, uma década depois de que a economia cubana fora fortemente atingida pelo bloqueio econômico norte-americano. Podemos constatar que ainda nos anos 70, Cuba manteve um importante nível de relações econômicas com os países capitalistas ascendentes, chegando a 40% de todo o seu intercâmbio

(30% com países capitalistas desenvolvidos e 10% com países capitalistas subdesenvolvidos).

Não se pode negar que desde o bloqueio econômico norte americano o país entrou numa fase de estrangulamento de suas possibilidades de desenvolvimento econômico. Não conseguiu diversificar sua produtividade, sua economia. O embargo estadunidense significou um duro golpe e abalo nas estruturas econômicas do país. Contudo, não se pode igualmente negar que a Revolução Cubana foi consistente em sua política antioligarquica, antiimperialista e anticapitalista que afastou as elites conservadoras, aproximou-se da União Soviética por meio de contratos comerciais e ideologicamente por sua postura socialista.

O alcance da revolução foi tão significativo, interno e externamente, que chegou a orientar ações contra-revolucionárias como: atos terroristas a população camponesa, atentados e sabotagens diversas. Entretanto, a tentativa de intervenção mais significativa ocorreu em 1961 com a chegada na *Playa de Girón*, na Bahia dos Porcos, de cerca de mil contra-revolucionários: exilados cubanos e mercenários que, com apoio aéreo, norte-americano objetivavam derrubar o governo revolucionário, tentativa que fracassou após três dias de luta.

Com a revolução Cuba não resolveu seus problemas. Nas ações contra-revolucionárias, nota-se a presença de cubanos, ou seja, de uma elite cubana que não queria dispor de suas propriedades e dos exilados do regime de Batista. Cabia ao país organizar seu governo tendo a sua frente não apenas os problemas sociais, econômicos, mas também as oposições internas e externas. O país tornou-se principal alvo dos Estados Unidos no combate ao comunismo no continente americano.

A Revolução socialista, liderada por Fidel Castro no período dos anos 60, serviu de referência para movimentos sociais de caráter esquerdista na América Latina e luta contra o imperialismo estadunidense. Transformou o rumo da Guerra Fria do ponto de vista Americano, pois rompeu com o padrão de influência dos Estados Unidos na América Latina. Segundo Purdy (2008, p. 261): “De fato, foi no “quintal” dos Estados Unidos, o Caribe e a América Latina, que a luta contra o comunismo fortemente travada por Reagan.”

Um dos momentos mais tensos desta relação Cuba e Estados Unidos em plena Guerra Fria ocorreu 23 de Outubro de 1962, a crise dos mísseis de Cuba. Nessa os soviéticos instalaram bases militares na ilha com armas nucleares, incidente este que provocou o medo de uma terceira grande guerra. Os Estados Unidos reagiu cercado a ilha para intimidar os soviéticos, quase causando uma guerra de proporções nucleares. O fim do incidente se deu mediante um acordo entre o governo estadunidense e o governo soviético no qual os Estados Unidos se comprometem a não invadir a ilha e a União Soviética retira os mísseis.

Os movimentos sociais de esquerda começaram a se inspirar no modelo de revolução feita em Cuba, ocorrendo um fenômeno conhecido com a expansão dos movimentos revolucionários na América em países como Bolívia, Nicarágua dentre outros países que seguiram o modelo de guerrilha. De acordo com Guazzelli (1993, p. 21): a revolução criou para a América Latina um novo paradigma “(...) de um lado, um exemplo capaz de influenciar a transformação dos países latino-americanos em novos campos para a luta socialista; de outro lado, a necessidade de conter estas eventuais explorações revolucionárias.”

De fato esses paradigmas são observados, como já mencionados, nas lutas revolucionárias inspiradas por Cuba. Muitos dos movimentos surgidos representavam a formação de Partidos Socialistas e Comunistas, Assembléias Populares, Frentes Libertadoras, todos orientados para a contestação dos governos opressores a serviço do imperialismo norte-americano.

No entanto, o segundo paradigma também se torna observável diante de um contexto revolucionário contido seja por forças externas. No segmento dessas contenções as revoluções tiveram como reação as investidas dos Estados Unidos para conter as transformações o que possibilitou o surgimento de ditaduras nos países latino-americanos. Sucessivos golpes militares ocorreram no continente com apoio direto ou indireto dos Estados Unidos. Os militares assumiram o poder suprimindo os direitos dos cidadãos.

Em nome dos interesses capitalistas, inúmeras operações ocorreram no sentido de impedir o avanço do exemplo cubano pelo continente. Os Estados Unidos em nome de se próprio se infiltrou nos países latino-americanos criando instrumentos como: o Tratado Internacional de Assistência Recíproca (TIAR), 1947, a organização dos Estados Americanos (OEA), 1948, os quais consecutivamente

pregavam obediência em troca de aparelhamento militar e representavam resistência ao comunismo. Dando continuidade a sua Doutrina de Segurança Nacional, criou no Panamá, 1961, a Escola das Américas para treinar oficiais latino-americanos. A América conviveu com os regimes autoritários durante o período de guerra fria. Tudo em nome do perigo comunista.

Claramente não se podem reduzir os golpes militares americanos à contenção da revolução cubana, dos ideais socialistas e comunistas. Questões internas a cada sociedade também devem ser levadas em consideração para uma compreensão mais aprofundada. Muitas não obtiveram êxito devido a condições desfavoráveis tais como: a própria geografia dos países e a falta de unidade junto ao meio campesino. Dessa forma é possível aproximar da idéia de Bruit (1988 p. 8) de que:

O processo é uma experiência traumática para toda a sociedade porque esta é obrigada a sair de sua inércia simulada, de seu equilíbrio aparente, da tranqüilidade que suas instituições estáveis projetam sobre a consciência da maioria das pessoas. Por esse motivo, a experiência revolucionária surge como um fato negativo para a maior parte da sociedade, que teme o desvario das rápidas transformações, que alteram e subvertem todo sistema de valores.

A questão dos elementos a serem discutidos neste trabalho, é a expansão da revolução Cubana em territórios no mundo que contaram com a participação de membros da guerra vitoriosa em Cuba. Na figura de Che Guevara a revolução foi além das fronteiras americanas em sua carta de despedida a Fidel, escrita em 1965, "Che" demonstra um orgulho e uma missão revolucionária tanto para ele como para Fidel nas seguintes palavras:

(...) Outras terras do mundo reclamam o concurso dos meus modestos esforços. Eu posso fazer o que lhe é negado, por sua responsabilidade para com Cuba, e chegou a hora de nos separarmos. (...) nos novos campos de batalha, levarei a fé que tu me inculcaste, o espírito revolucionário do meu povo, a sensação de cumprir com o mais sagrados dos deveres. Lutar contra o imperialismo onde quer que ele esteja (...)
(CHE GUEVARA, 2004, p. 213)

Che Guevara fez de Fidel Castro o revolucionário cubano, exemplo de sua própria formação e a si mesmo conferiu um internacionalismo levando o exemplo da revolução cubana para outras localidades como na África onde, mais

precisamente, lutou pela libertação do Congo em 1964. Guevara em toda sua utopia acreditava que o comunismo seria a solução das distorções ocorridas no capitalismo, sendo ele imbuído de um sentimento internacionalista que motivou a escrita da carta de despedida que confere a Fidel o papel de liderança do povo cubano.

Neste período da história começou-se a pensar em uma expansão do processo revolucionário a qual Guevara, em seus discursos, denominou de milhares de vietnameses contra a política dos Estados Unidos. Após o conflito do Congo as tropas cubanas lideradas por Guevara voltaram secretamente para Cuba e começaram a arquitetar um plano para participar da ação na Bolívia, local de morte do líder, Che Guevara, em 1967.

O capitalismo ainda com dificuldade conseguiu se consolidar de forma fácil na América Latina, pois não havia uma oposição organizada contra o modo de produção em vigência. Os homens retiraram da inércia de suas vidas resistindo em um contexto o qual os autores estudados convergem na opinião de que os povos da América luso-hispanica resistiu às interpéries do império aderindo a conteúdos culturais de outras nações, mas fazendo prevalecer a cultura local e se fazendo a voz da resistência à intervenção do capitalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluída a investigação pode-se concluir que a nação cubana tem origem sua origem datada de 1492 foi descoberta pelo navegador Cristóvão Colombo e desde os primórdios já se mostravam uma nação forjada a ciclos revolucionários.

Cuba chegou à revolução devido aos anseios por liberdade por acreditar na revolução como elemento de transformação, esta aconteceu devida principalmente ao sentimento anti-Estados Unidos que desde os primeiros anos de independência começa a desenvolver políticas de intervenção da ilha buscando resguardar seus interesses, desta forma foi criando uma bolha de descontentamento que teve seu ápice com a revolução socialista liderada por Fidel

Castro. O contexto geral que desencadeou a revolução foi o momento histórico marcado pela guerra fria. Já o contexto partícula se forjada através das bandeiras históricas cubana de luta por liberdade por justiça social todos os valores contidos na tradição revolucionaria de Cuba que serviram de argamassa de legitimação da revolução junto ao povo.

No tangente aos ideários contidos pelos revolucionários eram calcados nos idéias de liberdade e justiça social e solidariedade, pautado pelos ideais comunistas. A revolução foi um marcou no continente, pois representou o rompimento dos valores tradicionais do capitalismo na America latina que serviu de reverencial teórico para os movimentos sociais de esquerda que via na Revolução Cubana o elemento mais plausível capaz de extirpar as desigualdades no continente. Desta forma o grupo de Fidel Castro ganhou apoio dos meios populares para a empreitada revolucionaria.

Resumen: Este trabajo se centra en el estudio de investigación de la Revolución Cubana en el contexto de América del siglo XX. Su objetivo es examinar el tema consideran factores tales como la Guerra Fría, la lucha contra el imperialismo y la revolución como un evento de referencia para los movimientos sociales de izquierda y disparar a las dictaduras militares que surgieron en América Latina de 60 años. El objetivo es comprender la historia de Cuba y su negocio revolucionario por medio de preguntas al tema y uso del método histórico, analice documental y bibliografía de los teóricos que discutiran la Revolución Cubana.

Palabras-claves: Revolución Cubana, Imperialismo, Guerrilla, Dictaduras Militares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUIT, Héctor H: **Revolução na América latina:** o que é revolução. México e Bolívia, Cuba a Nicarágua/ Héctor H. Bruit - São Paulo Editora: Atual, 1988.

FERNANDES, L. E.; MORAIS, M. V. O Imperialismo. In. KARNAL, L. (org.). **História dos Estados Unidos:** das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2008.

GUAZZELLI, Cesar. **Historia Contemporânea da América latina 1960-1990** Editora: UFRGS RS 1º edição: 1996.

GUEVARA, Ernesto Che. **A guerra de guerrilhas.** 2. Ed. v. 3. São Paulo: Edições Populares, 1982, p. 13-68.

LOWY, Michael: A ética comunista de Che Guevara. Disponível em: <http://www.primeiralinha.org/abrente/lowy45.htm>. Acessado em 24/09/2010.

MARTÍ, José. "**Nossa América**". In Nossa América textos selecionados por Robert Fernandez Retamar. São Paulo: Hucitec/ Associação Cultura José Martí, 1983, P. 194-201.

OLIVEIRA, G. Garcia. O antilhanismo de Eugenio María de Hostos (1863-1903). 171 f. Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

PRADO, Luiz Fernando Silva. **História Contemporânea da América Latina: 1930-1960**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

PURDY, S. Macglobalização e a nova direita: 1980-2000. In. KARNAL, L. (org.). **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2008.

SADER, Eder (org.) **E. Che Guevara – Política**. São Paulo, Ática, 2004.

SANTANA, **Adalberto. Cuba e a integração regional**. Disponível em: <http://www.apropucsp.org.br/apropuc/index.php/revista-puc-viva/47-06-globalizacao/1804-cuba-e-a-integracao-regional-e-mundial>. Acessado em 19/10/2010.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a professora MS. Giselle Garcia que me orientou. Agradeço ao corpo docente da Faculdade Alfredo Nasser que possibilitou o desenvolvimento do trabalho por meio dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso. Não poderia deixar de agradecer aos meus pais que deram o apoio para que, neste momento de alegria, ao término do curso, possa viver e compartilhar minha alegria.